

**III Seminário Nacional de Trabalho e Gênero
Universidade Federal de Goiás
Livia de Pádua Nóbrega**

**A NATURALIZAÇÃO DO FEMININO NAS COLUNAS JORNALÍSTICAS DE
CLARICE LISPECTOR**

Goiânia, 2010

**“Associativismo, profissões e políticas públicas –
III Seminário Nacional de Trabalho e Gênero”**

Imagens e Representações Sociais de Gênero e de Trabalho

A Naturalização do Feminino nas Colunas Jornalísticas de Clarice Lispector

Lívia de Pádua Nóbrega

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar colunas escritas pela escritora, jornalista e tradutora Clarice Lispector na imprensa carioca entre as décadas de 50 e 60. Tais textos foram assinados por pseudônimos e versam sob o tema tripé da imprensa feminina da época: moda, lar e coração. Analisa-se aqui a forma como a colunista seguiu o discurso da naturalização dos papéis de feminino e masculino, reforçando o ideal de mulher como rainha do lar e do homem como provedor da casa. Confronta-se aqui tal naturalização dos papéis com o caráter de construção destes por meio de aspectos históricos, sociais e culturais.

Palavras-chave: Gênero; Imprensa; Mulher.

A NATURALIZAÇÃO DO FEMININO NAS COLUNAS JORNALÍSTICAS DE CLARICE LISPECTOR

Seguida de perto pelo escritor Rubem Fonseca, Clarice Lispector é a escritora mais pesquisada no âmbito acadêmico nacional e internacional, segundo dados da Revista Bravo (Nov/2009, ed. 147). Mais recentemente as atenções tem se voltado para a produção jornalística realizada por ela. Dentro desse contexto, sua atuação como colunista na imprensa feminina carioca tem merecido especial destaque e aberto caminho para diversas possibilidades de problematização.

Seja pela visão tradicional e patriarcal que sustentou, seja pelas aproximações com a ficção clariceana ou pelo paradoxo entre uma escritora em muitos aspectos considerada de vanguarda, mas que propagou em suas colunas o discurso da época, o fato é que tais textos possibilitam mapear um panorama da situação da mulher no decorrer das décadas de 50 e 60 e observar como a divisão convencional dos papéis de feminino e masculino aparecem naturalizadas nas representações de mulher extraídas de tais textos.

Origens da contraposição feminino / masculino

Nas décadas de 50 e 60, a imprensa já se caracterizava como um meio de comunicação capaz de exercer considerável influência na vida e nas opiniões das pessoas. Ancorada na sociedade que por meio da construção histórica, social e cultural reservou para a mulher a esfera da vida privada enquanto concedeu ao homem o direito a esfera pública, as páginas femininas configuravam-se como uma espécie de manual que tomou para si a tarefa de ensinar a “arte de ser mulher”.

Desde motivos fisiológicos aos culturais, muito foi dito para tolher a mulher da participação na vida pública (THOMPSON, 1995, p. 70-71):

A esfera pública foi geralmente entendida como o domínio da razão e da universalidade cuja participação era reservada somente para os homens, enquanto as mulheres, seres (supostamente) inclinados a particularidades, e a conversas frívolas e afetadas, se supunham comumente mais indicadas à vida doméstica. Por isso o caráter masculino da esfera pública burguesa não era um aspecto acidental: mas uma característica fundamental da esfera pública que, na sua própria concepção, foi gerada por um conjunto de suposições profundamente enraizadas na diferença dos gêneros.

Desta forma, a mulher encerrada no lar alienava-se às páginas femininas tendo como cenário de fundo todo um passado que já sistematizava a sua submissão.

Desde a Antiguidade Clássica, a filosofia já reservada à mulher um lugar subalternizado. Na concepção aristotélica, ela era um macho incompleto. “A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades (...) Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural” (*apud* BEAUVOIR, 1970, p. 10).

O que marca, pois a condição feminina para o filósofo é a falta: a mulher é mulher por tudo que lhe falta para equiparar-se ao homem, visto como modelo absoluto. A perspectiva de falta é endossada no discurso religioso por São Tomás de Aquino, Santo Agostinho e por São Paulo apóstolo.

A concepção platônica não é menos irônica. “Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos, teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho” (*apud* ALVES e PITANGUY, 1985, p. 11).

Segundo FRIEDAN (1971), a tradição freudiana já dizia que a mulher não poderia desejar melhor destino que viver sua feminilidade. Freud via a mulher como alguém que se sente um homem mutilado. Tal ótica visualiza a mulher somente em aspectos relacionais e nunca como um ser autônomo.

Já para Pitágoras, o homem estava assimilado ao bom, enquanto a mulher seria a encarnação do mal. Montherlant, por sua vez, achava que somente épocas de fraqueza haviam enaltecido o “eterno feminino”, pois os verdadeiros heróis haviam se voltado contra esta.

Esses modos de ver refletem uma ótica que só enxerga a mulher a partir do ponto de vista relacional. A cristalização desse pensamento serve como mote para desconsiderar a mulher em igualdade ao homem. Perpetuam-se assim as visões que negam a ela a condição de igual para continuar a imputar-lhes a alcunha do *outro*, do inessencial a partir do momento em que o homem é visto como absoluto.

A alteridade é um princípio relacional que polariza um “nós” *versus* “os outros”. Enquanto o “nós” instaura-se em um terreno de partilha de pertença, os “outros” são vistos como o diferente, algo a ser ignorado e por vezes até mesmo repudiado quando o sentimento de pertencimento adquire proporções exacerbadas. Filósofos como Hegel, Derrida e a feminista Hélène Cixous já atentavam para o fato de que tais distinções dicotômicas evidenciam um desequilíbrio de poderes, já que estabelecem um pólo como norma enquanto o outro é visto como desviante (SILVA, 2000). A alteridade é um princípio que se dá em relação a outrem, mas não se encontra ancorada na oposição de gêneros, mas em toda e qualquer diferença. Levinas foi um dos que endossaram essa perspectiva dicotômica que coloca o homem como essência e a mulher como mera ramificação.

A essência só é evocada no que tange a mulher quando se trata de reforçar o ideal de uma natureza feminina que predisponha a mulher às tarefas do lar, ao casamento como objetivo e a maternidade como instinto. LARAIA (1975) já questionava a maternidade como instinto, posto ser fato a existência de inúmeras mulheres que simplesmente não sonham em se tornar mães.

Desde os primórdios o discurso bíblico já assegurava o papel secundário e de passividade da mulher com a figura de Eva com sua origem derivada de Adão e sua mácula do pecado original. Mito que no chamado paganismo encontrou equivalente em Pandora, como responsável pela difusão dos males do mundo. Estas alegorias ilustram o que Lévi-Strauss chamou de passagem do estado natural da sociedade para o cultural.

Do trovadorismo a diversas outras vertentes poéticas, à mulher foi vista como indissociável de uma aura de mistério. Atribuir à mulher a condição de misteriosa revelou-se um artifício de grande serventia para continuar a reconhecê-la como outro e não como igual. Ao discorrer sobre os “mistérios do eterno feminino o homem o faz porque ao invés de admitir sua ignorância, reconhece a presença de um mistério fora de si” (BEAUVOIR, 1970, p. 302).

Ao evocar o mistério como uma instância supra racional que seria dada à mulher, impedia-se assim a possibilidade de igualdade, posto que é sempre mais difícil questionar algo da alçada sobrenatural. A ligação do conceito de mistério ao feminino foi determinante para a naturalização dos papéis e teve grande serventia para a manutenção da ordem.

Imprensa feminina e legitimação da ordem

O primeiro contato da jovem Clarice com o jornalismo se deu por ocasião da morte do pai, em 1940, quando contava com 20 anos de idade (Nunes, 2006). Inicia então o trabalho de redatora na *Agência Nacional*, uma agência de notícias oficial do governo, criada por Getúlio Vargas em 1934 durante o Estado Novo e que posteriormente seria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Ali o diretor Lourival Fontes lhe arruma emprego como repórter (LISPECTOR, 2005, p. 31).

Posteriormente atua também como repórter no jornal *A Noite*, quando era ainda estudante da Faculdade Nacional de Direito. Foi uma das primeiras repórteres brasileiras, em uma época em que poucas mulheres trabalhavam fora e as redações eram espaços predominantemente masculinos.

Seu filho mais novo, Paulo, conta que a mãe trabalhou nas redações com diversos romancistas que posteriormente também obtiveram reconhecimento e fama. Como era a única mulher na redação, os colegas sentiam-se constrangidos de dizer palavrões na presença dela, tendo criado para isso um código de batidas na mesa.

A primeira colaboração de Clarice Lispector com a imprensa feminina se deu em um intervalo de tempo em que esteve no Brasil, já que residia no exterior acompanhando o marido diplomata. As contribuições posteriores se deram após a separação da escritora, quando se fixando definitivamente no Brasil com os dois filhos, passou por severas dificuldades financeiras.

Ao receber convite para escrever páginas femininas, Clarice encontrou algo além dos direitos autorais de seus livros e da publicação de contos em revistas para assegurar sua condição financeira. Desta forma, essa atuação não pode ser propriamente considerada uma escolha da ficcionista.

Em passagem pelo Brasil, Clarice escreveu suas colunas no semanário *Comício*. Para separar sua ficção de sua produção jornalística, ela criou o pseudônimo Tereza Quadros para a coluna *Entre Mulheres*, durante seis meses do ano de 1952.

Posteriormente e já separada, ela colaborou de 1959 a 1961 no jornal *Correio da Manhã*. Sob o pseudônimo de Helen Palmer ela foi responsável pela coluna *Correio Feminino: feira de utilidades*. Ao mesmo tempo, assinou como *ghost-writer* da atriz Ilka Soares a coluna *Só para mulheres*, do *Diário da Noite*, divulgada de 1960 a 1961.

As páginas femininas – muitas vezes escritas por homens, assinadas ou não – apenas disseminaram nos periódicos um imaginário que já estava cristalizado na sociedade. Rousseau era um dos que defendia a subserviência feminina ao afirmar: “Toda a educação da mulher deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, ser-lhes útil, fazer-se amada e honrada por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida útil e agradável” (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 35).

A função da mulher como uma prestadora de serviços para o marido dentro do lar é esboçada na coluna *Uma boa esposa* (LISPECTOR, 2008, p. 44):

Boa esposa é aquela que torna a vida do lar agradável para o marido, fazendo de sua companhia um refúgio para sua vida de lutas. Se ele chega exausto do trabalho, a boa esposa não lhe azucrina os ouvidos com queixas, fuxicos, ou insistentes convites para cinema, festas ou reuniões de que ele não gosta. Sua casa está sempre limpa e em ordem, mas não exageradamente a ponto de ele não poder fumar um cigarro em paz, não poder esticar-se para ler seu jornal sossegado. O lar de todos nós deve ser um recanto de paz, amor e liberdade com que todos sonhamos. Se as discussões se multiplicam, o azedume e a hostilidade formam o clima comum, e cada gesto, cada palavra, cada ato é recriminado ou policiado, torna-se odioso. E o homem, como é

justo e natural, vai procurar um lar em outra parte. Uma mulher inteligente prende seu marido sem gritos, sem exigências, sem ciúmeiras ridículas. Prende-o pelo prazer que lhe dá sua companhia. Contrariando em tudo, fazendo ostentação de sua tola independência, criticando-o diante das amigas, reclamando e exigindo sempre, você está é empurrando seu marido para fora do lar. Lembre-se sempre de que as outras, que poderão arrancá-lo de seus braços, usarão de muito carinho, muita adulação, muita doçura para conquistá-lo. Faça você o mesmo!

Tornar a vida do marido agradável é também um recurso tão naturalizado que figura em diversas colunas da jonalista. No trecho abaixo, cumpre ainda a propagação do velho clichê de que todo grande homem tem atrás de si a figura de uma grande mulher (LISPECTOR, 2008, p. 34):

As mulheres têm muita influência sobre a vida do marido, especialmente no setor de trabalho. Por trás de todo homem casado que trabalha, está a sombra da esposa. Esta poderá ajudá-lo a subir muito além dos outros, ou fará tanto peso para baixo que ele desistirá de lutar. Uma coisa é estimular pelo elogio e camaradagem, outra coisa é queixar-se todo dia de que ele não sobe na vida e ganha menos do que se gasta em casa. Isso pode arruinar a vida de um marido.

Que deve você fazer para animar seu marido? Em primeiro lugar, mostrar-lhe por pequeninas coisas, que você tem confiança nele, que espera dele grandes coisas e que ele é seu herói. Faça sua parte, limpando a casa, preparando pratos saborosos e educando as crianças. Ele se sentirá feliz num ambiente sossegado e poderá repousar melhor. No dia seguinte, estará apto para enfrentar novas lutas e poderá conseguir novas vitórias.

As colunas femininas eram o espaço em que as mulheres encontravam os conselhos necessários para conduzir a vida no lar. Simone de Beauvoir já atentava para a não existência de páginas de conselhos para a atuação masculina, dada a “naturalidade” de suas tarefas voltadas para a esfera pública. Já no domínio privado, a mulher tinha sempre que se aprimorar, posto que sua existência encontrava-se fundada na esfera privada.

Enquanto ao homem um leque infinito de possibilidades era oferecido, as variações concernentes ao cotidiano feminino se resumiam a uma nova forma de organizar a casa, um novo prato ou modo de cozinhar ou um novo segredo para surpreender o marido. Surpreender esse homem ambientado na esfera pública e por isso tão acostumado a novidades era um imperativo trabalhoso para a mulher confinada em casa. Compreensão e paciência eram-lhes exigido a todo o momento (LISPECTOR, 2006, p. 79):

Compreenda o seu marido. Não é tão difícil quanto parece. Desde que tratado com carinho, um pouco de mimos, raramente contrariado, todo homem é um anjo. Carinho não nos é difícil dar-lhe, se o amamos. Mimos... afinal, penso que é esse mesmo o destino das mulheres. (...) Cuidado, portanto, na maneira como tratar seu marido, minha amiga e leitora! Pense no que será perdê-lo... e faça-lhe as vontades. Quando não, use de diplomacia e delicadeza. Garanto que é o melhor meio de domá-los.

É nítido no último trecho da coluna de que mesmo quando a mulher tem por intenção fazer valer sua vontade, deve dissimular tal expediente, visto que contraria a ordem natural das coisas. Ainda que ela mande, deve dar sempre ao homem a impressão de que é ele quem porta a palavra final.

Para BEAUVOIR (1970), os países latinos e orientais oprimiam a mulher mais pelo costume que pela força da lei. Dentro desse contexto, a imprensa feminina teve importância

crucial nos costumes ao modelar os comportamentos, aparando as arestas passíveis de atrito e resguardando um virtual equilíbrio.

Coloca-se aqui tal equilíbrio como virtual, pois com a proliferação dos movimentos feministas, as mulheres brasileiras começavam a vislumbrar certas mudanças que poderiam afetar a condição feminina. Ao ver a ordem convencionada ser ameaçada pelos movimentos de emancipação da mulher, a colunista propunha o resguardo da feminilidade que de repente havia sido colocada em um equilíbrio precário diante das transformações defendidas pelas feministas.

A colunista atenta para os perigos das tentativas de equiparação dos sexos na coluna *Gestos, palavras, atitudes* (LISPECTOR, 2006, p. 30):

Muitas de vocês, leitoras, hão de conhecer esse tipo feminino, infelizmente hoje não tão raro quanto seria de desejar: a mulher de gestos exagerados, palavras livres e atitudes deselegantes. Interpretando mal a independência da mulher moderna, ela fuma como um homem, em público, cruza as pernas com uma desenvoltura chocante, solta gargalhadas escandalosas, bebe com exagero, usa gíria de mau gosto, palavreado grosseiro quando não se desmoraliza repetindo palavões.

Há vezes em que isso as torna centro de curiosidade masculina. Curiosidade, eu digo. Os homens provocam-na, divertem-se com as suas maneiras deslavadas, e depois saem comentando a sua “masculinidade”. Exatamente, minhas amigas! Nenhum homem pode considerar feminina a mulher que os iguala em tudo ou quase tudo, seu sentimento para com ela é muito pouco lisonjeiro.

A transformação causada pelos tempos, pela instrução, pela vida moderna, está mais na mentalidade, na cultura, nas ideias, em si, que nas exteriorizações ridículas de um feminismo caolho. A mulher continua mulher, motivo de encantamento e inspiração para o homem, ideal de pureza e doçura para o filho, e deve proceder sempre como tal. Os homens adoram a mulher bem feminina. É só não confundir futilidade, dengue e falta de personalidade com feminilidade. Cabe a ela refrear o exagero, cuidar da harmonia e delicadeza nos gestos, nas palavras, nas atitudes. Nunca me canso de repetir que, mais importante que a beleza, que a cultura, que um guarda-roupa elegante, para a mulher ser atraente, é ser MULHER.

A colunista coloca o ser mulher como uma aura misteriosa, tanto que difere ser mulher e ser MULHER, em letras maiúsculas. Assim, a colunista vê a mulher sob um ângulo essencialista, como portadora de uma natureza feminina.

Em outro exemplo, ela até considera que esse essencialismo pode ter sido imposto, mas as linhas mostram que ainda assim ela parece não se incomodar muito com isso: “Parece que ficou estabelecido, nos princípios da criação, que o homem faria a casa, para dar um lar à mulher. E que a mulher construiria o lar, para dar casa e lar ao homem. (...) Pois então é isso: casa é arquitetura de homem e lar (...) é simplesmente engenharia de mulher” (LISPECTOR, 2006, p. 123).

O casamento é, pois um objetivo para a mulher e a maternidade um fim em si para a leitora das colunas femininas, desprovida de qualquer alternativa. Casamento e maternidade aparecem nas linhas das colunas como um destino irrevogável. O essencialismo se mantém quando a jornalista recrimina em outra coluna as mulheres que deixam os filhos aos cuidados de babás. “A primeira qualidade para uma mulher ser Mulher é saber ser mãe” (p. 33). Se deixar os filhos aos cuidados de outra pessoa é o mesmo que descumprir com o dever de mãe, fica correlato que o trabalho fora de casa também deveria ser evitado pelas mulheres.

A colunista oferece ainda conselhos de como tratar a empregada e pede à mulher que não deixe ao encargo desta as compras, pois é a esposa quem deve zelar pelo dinheiro de seu marido. No que se refere ao dinheiro ganho por ele, a colunista pondera que a mulher deve

sempre estar atenta: “Nem gastar demais, nem de menos” (p. 45). Percebe-se que a mulher figura nas colunas da época como um ser acessório, desprovido de existência própria, mas com a finalidade expressa de completar o marido: zelar pelo dinheiro ganho por ele, cuidar de suas roupas e proporcionar-lhe o alimento.

A coluna dissemina a ideia de que a conduta feminina deve ser sempre vigiada, mesmo que pela própria mulher. Dosar sempre, combater qualquer tipo de exagero, não ser ousada de mais, não ser feminina de menos... As ações recomendadas instalam-se no terreno da vigilância e da ordem de equilíbrio. Xenofonte já era partidário dessa ideia: “(...) que viva sob uma estreita vigilância, veja o menor número de coisas possível, ouça o menor número de coisas possível, fala o menor número de perguntas possível”, (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 12). Conservar-lhes um lugar de passividade garantia um controle mais seguro das palavras, pensamentos e ações.

A naturalização dos papéis de feminino e masculino é reforçada pela comunicadora que, por meio do veículo de comunicação pelo qual escreve, está envolta pela autoridade jornalística de formadora de opinião. A colunista assume o dever de conduzir a leitora para ensiná-la a ser mulher e a cumprir as tarefas que se espera dela. A figura de uma formadora de opinião conhecedora desse determinado tipo de conhecimento e que visa iniciar também sua leitora nesse domínio é analisada por BEAUVOIR (1967, p. 294):

Os jornais femininos ensinam abundantemente à dona de casa a arte de conservar sua atração sexual embora lavando a louça, a permanecer elegante durante a gravidez, a conciliar o coquetismo com a maternidade e a economia; mas aquela que se sujeitasse a seguir atentamente esses conselhos logo se veria atormentada e desfigurada pelas preocupações; é-lhe muito difícil permanecer desejável quando tem as mãos inchadas e o corpo deformado pelas maternidade; (...) Não é de espantar que a mulher que se debate em meio a essas contradições viva muitas vezes seus dias em estado de nervosismo e azedume; ela perde sempre, no que quer que aposte, e seus ganhos são precários, não se inscrevem em nenhum êxito seguro. Nunca é por seu próprio trabalho que se pode salvar; esse trabalho ocupa-a, mas não constitui uma justificação: esta assenta em liberdades alheias. A mulher encerrada no lar não pode fundar ela própria sua existência; não tem os meios de se afirmar em sua singularidade e esta, por conseguinte, não lhe é reconhecida.

O resguardo da feminilidade também é constantemente pedido nas colunas escritas por Clarice, como no exemplo *O dever da faceirice*, que ilustra o panorama aventado acima por Beauvoir (LISPECTOR, 2006, p. 15):

Algumas mulheres, felizmente poucas, relegam a faceirice a um plano secundário, explicando esse desinteresse como “superioridade intelectual”. Nada mais falso. A mulher moderna sabe que, apesar da evolução das ciências e das artes, o homem continua o mesmo, e o principal atrativo que encontra na mulher é a sua aparência física. Julgar que porque casou com ele está dispensada de seduzi-lo é outro grave erro. O homem é volúvel. Sua busca pela “mulher ideal” é apenas a forma romântica com que encobre essa volubilidade, e geralmente envelhecem sem descobrir realmente o que querem da mulher. Só sabem que a querem. Sempre bonita e renovada, se possível.

Um rosto bonito, uma figura elegante sempre exercem grande poder sobre eles. A mulher que ama a um deles tem de fazer tudo para prendê-lo, portanto, e esse tudo é a sedução diária e constante. Eu sei, minha amiga! É cansativo isso, e um pouco tolo, mas que se há de fazer?

Se o seu marido está acostumado a vê-la despenteada, em chinelas, de roupa desleixada, sem pintura, aos poucos ele irá esquecendo a figurinha bonita que o atraiu antes, quando você só lhe aprecia enfeitada e perfumada. Começará a

perguntar a si mesmo o que existe em você, afinal, de interessante... e a resposta é perigosa, minha cara! Por outro lado, a rua está fervilhando de mulheres bonitas, mais bonitas porque têm a atração do desconhecido e do proibido. Nenhum homem, numa hora dessas, tem imaginação bastante para ver, sob as carinhas de boneca encontradas na rua a mesma figura de mulher em chinelas, despenteada e mal cuidada que ele deixou em casa. Renan, com grande sabedoria, já dizia: “A mulher, enfeitando-se, cumpre um dever; ela pratica uma arte, arte delicada, que é mesmo, até certo ponto, a mais encantadora das artes”.

A faceirice é, portanto, obrigação para a mulher. Nem a mulher de negócios, nem a cientista, nem a mulher de letras, nem a esportista dispensam esse dever primordial para a conquista do homem. Afinal, podemos pensar dele o que quisermos, mas precisamos deles para completar a nossa felicidade, não é mesmo? Façamos, portanto, por conquistá-los.

Tolhida de existência própria e reduzida aos afazeres do lar, a mulher *necessita* do homem para ser feliz na ótica das colunas femininas da época. Ela, entretanto nunca aparece como indispensável para a felicidade deste, posto que ele conta com diversas outras experiências fora do lar que lhe absorvem e são capazes de lhe garantir a satisfação pessoal.

A vida que os poderes, principalmente o religioso e o médico, conferiu á mulher estava nessa época longe de tornar possível a realização pessoal. Conceber, perpetuar a espécie e entregar-se a vida no lar eram ocupações que, construídas para a mulher, não eram suficientes para justificar-lhes a existência.

Atenta ao que pregava os movimentos feministas, as colunas esforçam-se para fazer pairar dúvidas da possibilidade de realização da mulher com a evasão do lar, em uma manobra de antecipar-se ao desejo de emancipação feminina. Fica patente assim que a realização feminina só é realmente possível no âmbito da casa e dos cuidados com esta (LISPECTOR, 2008, p. 21):

A vida da dona de casa é mais cômoda d que a da moça que trabalha?

Muita gente pensa que a maioria das mulheres prefere trabalhar fora a viver em casa, cuidando da comida, roupa e arrumação do lar. No entanto, estatísticas confirmam que a grande maioria das mulheres que trabalha fora preferiria estar em casa, mesmo tendo que tomar todo o encargo de uma casa.

Não é nada agradável para uma mulher levantar todo dia à mesma hora, se preparar correndo, tomar café e sair atrás de um ônibus lotado, para começar a trabalhar num escritório ou repartição até à tarde, naquela rotina desagradável de todos dos dias. O trabalho em casa, apesar de não ter horário e nunca ter fim, é mais agradável, pois poderá ser suspenso a qualquer momento, a critério da dona de casa e ela mesma pode organizar seu programa, escolhendo as horas para realizar as tarefas que necessitar.

É verdade que o apronto dos alimentos, a lavagem da roupa e limpeza da casa e o cuidado com as crianças não são das coisas mais agradáveis, são um trabalho penoso, mas nele a mulher põe amor e interesse, pois são coisas suas e ela é diretamente interessada, ao contrário do que ocorre com o trabalho fora do lar.

Para aquelas a quem não é possível refrear a tentação do trabalho fora, as colunas esforçam-se no sentido de colocar alguns cuidados sempre merecedores de atenção (LISPECTOR, 2006, p. 19):

Se você trabalha fora, comanda ou dirige equipes, trata de assuntos comerciais com homens, interessa-se, por força da profissão, pela cotação do mercado, pela contabilidade mecanizada, enfim, se você é obrigada a deixar de lado as maneiras delicadas e muito femininas, muito cuidado! O grande perigo que a ameaça é a masculinização de seus gestos, de sua palestra, de seus pensamentos. É muito

freqüente ocorrer isso. Mulheres que, em essência e nas formas, são bastante femininas, e, no entanto, deixam-se influenciar pela linguagem e pelos assuntos áridos do mundo dos negócios. Sentem que os homens, à sua volta, aos poucos vão perdendo o interesse inicial e retraindo-se a uma reserva fria, e elas não sabem por quê. Recebem muito convites para jantar, ainda, mas os galanteios começam a rarear. Conversa de “homem para homem” é o que parece que seus antigos admiradores passam a desejar. Por quê? Olham-se ao espelho, não encontram falhas na beleza ou na elegância, e continuam a não compreender.

Pois, minhas amigas, o que acontece é que elas esqueceram a sua condição de mulher. Se observarem a si próprias nos seus gestos, no seu tom de voz, se ouvirem suas próprias palavras, ficarão espantadas. Onde terão ficado a antiga coqueteria, a graciosidade que dantes as tornavam centro das atenções masculinas? Quando conversam, já não sorriem, as frases são objetivas, geladas, e nenhuma acolhida cordial aproxima-a do seu interlocutor.

Por favor amigas que vivem no mundo dos negócios! Sejam eficientes, trabalhadoras, objetivas, mas não permitam que isso afete a sua feminilidade.

Percebe-se pelo texto acima, que mesmo quando se considera a hipótese de igualdade entre os sexos, esta é vista com desconfianças e reservas. Ameaçando a ordem vigente, tal igualdade nunca ultrapassa as barreiras do mito do eterno feminino.

Obviamente, seria minimamente anacrônico analisar as colunas sob a ótica da atualidade apenas. O imaginário das páginas femininas era reflexo e extensão de uma sociedade socialmente hierarquizada e historicamente patriarcal. As colunas redigidas por Clarice não caminham consonante ao feminismo. Não visam, portanto a ruptura da ordem ou questionamentos radicais. Contenta-se em reproduzir o padrão discursivo do período (NUNES, 2006, p. 147-148):

Ao escolher temas que despertassem a atenção de sua leitora e ao propor ensiná-la a viver, Tereza Quadros não forçava, todavia, mudanças de comportamento radicais. A vida prática da mulher atualizada, que começava a ser adotada como padrão nos anos 1950, mediante avanços tecnológicos da indústria, não se sobrepunha, contudo, ao estereótipo da mulher elegante, bonita e prendada, adjetivos que caracterizavam a natureza feminina e compunham os aspectos do que considerava feminilidade. Por isso, a fala de especialista e o tom didático e íntimo empregado por Tereza Quadros para divulgar receitas do saber viver, eram recursos que apenas satisfaziam aos parâmetros estabelecidos pelo *status quo*.

A consonância das colunas com os discursos da época depõem a favor da naturalização dos papéis de gênero, entretanto são produtos do pensamento de uma determinada época e não possuíam a pretensão de inaugurar um novo paradigma. A intenção almejada pelos textos de tais colunas era somente conduzir a leitora no bom desempenho daquilo que foi convencionalizado como seu papel. Quando muito, planejá-la prepará-la frente às transformações emancipatórias que estavam ocorrendo na sociedade, mas ainda assim se posicionado sutilmente contra essas mudanças (NUNES, 2006, p. 163-164):

A mulher que aparece nas páginas da coluna Entre Mulheres vive num lar burguês. É a mulher casada, que tem filhos, cuida da casa e se cuida para o marido. Tudo muito igual a outras páginas femininas (...) O homem quem transparece na coluna Entre Mulheres não é outro senão o marido que está sempre ausente do lar e do cuidado com os filhos. É o que vive lá, no mundo dos negócios, do trabalho (...) Esse universo cor-de-rosa está nas páginas de Tereza Quadros. Ela não subverte o padrão da época, que prevê o culto à beleza feminina, a técnica da conquista, a busca do amor verdadeiro realizável somente através do casamento e da felicidade encontrada

apenas no lar. Senão, haveria transgressões, e a identificação com a leitora não poderia acontecer.

Mesmo quando fala do que chama “mulher esclarecida”, a visão da colunista é ambígua, deixando entrever espaços para que as mudanças sejam acolhidas com desconfiança. “O fato de uma mulher ser livre não implica que ela deva libertar-se também dos liames de moral e pudor, que são, afinal, embelezadores da mulher e, portanto, indispensáveis à sua personalidade” (LISPECTOR, 2006, p. 18).

Dentro desse contexto de identificação, a colunista é aquela que enfrenta os mesmos problemas que a leitora, mas que sabe como resolvê-los e por isso vai se utilizar do espaço da coluna para compartilhar seus segredos com outras mulheres. A atmosfera de intimidade com o interlocutor favorece o diálogo.

De acordo com BEAUVOIR (1967), enquanto os homens se comunicam como indivíduos, as mulheres acham-se unidas por cumplicidade. Procuram umas nas outras a reafirmação do universo que lhes é comum. “Não discutem opiniões: trocam confidências e receitas; (...) Seu trabalho não é uma técnica: transmitindo-se receitas de cozinha, receitas caseiras, dão-lhe a dignidade de uma ciência secreta baseada em tradições orais” (p. 309). Tentam, por vezes em frustrantes tentativas, problematizar o pouco que possuíam.

A colunista atenta a leitora para a necessidade de estar em dia com as tarefas domésticas, pois caso contrário o marido poderia evadir-se do lar. Mantê-lo em casa e na relação revela-se um exercício constante para essa mulher as voltas com as ocupações do lar.

A esse problema a colunista conselheira também dedica sua atenção. Exemplo disso é a coluna *Bolo prende-marido* (LISPECTOR, 2008, p. 140):

Não. Não é nenhum bolo especial, pode ser esse mesmo que você faz de vez em quando. O segredo está aí, não fazê-lo “de vez em quando”, mas sempre, regularmente, variando apenas a forma e a apresentação. Os homens gostam de comer bem, e cabe a nós, mulheres, providenciar para que à mesa haja sempre uma surpresa gostosa. Como sobremesa, como acompanhamento para o lanche, para o chá, ou para o café da manhã, ou mesmo como guloseima de toda hora, o bolo, sem grande requinte, fácil de fazer, pode ser a salvação da dona de casa, que quer ver seu marido e seus filhos satisfeitos. Esse assunto foi me sugerido pela leitura de uma notícia de que uma linda jovem senhora de Los Angeles foi desclassificada do pleito para a eleição de Mrs. América porque não sabe fazer bolos. Portadora de outros admiráveis dotes, inclusive de grande beleza, não possuía esse, e foi sumariamente desclassificada. Muito certo o julgamento da comissão. Uma dona de casa que não sabe fazer um bolo! Realmente, é inadmissível. Como os juizes desse concurso geralmente são homens, vocês podem tirar as suas conclusões. Como vêem, um dos segredos de prender marido está bem à mão. É tratar de aproveitá-lo.

É com o espanto de uma exclamação que a autora indigna-se com o fato de uma dona de casa não saber fazer bolos. A naturalização dos papéis é tão forte na sociedade, que a surpresa da colunista dá a entender que a “arte de fazer bolos” é algo inerente aos genes femininos. Como não o é, é então incutido desde cedo no processo educacional que segrega meninas e meninos.

Da educação em casa e na escola, dos modos e condições para sair à rua e do casamento como objetivo, tudo é esforço para dotar a menina de valores como a fragilidade, delicadeza, sensibilidade e o menino com atributos de virilidade, coragem, força e valentia. Pode-se dizer que desde cedo essas meninas “Aprendiam a lamentar as infelizes neuróticas que desejavam ser poetisas, médica ou presidentes” (FRIEDAN, 1971, p. 17).

Da mesma forma como os atributos ligados ao feminino são construídos, também a masculinidade é construída por meio de limitações do tipo “homem não chora” e do ato de impelir os meninos a jogar futebol e impedir que se aproximem de bonecas. “Os costumes opõem-se a que as meninas sejam tratadas exatamente como meninos” (BEAUVOIR, 1970 p. 22).

Mães, irmãs, avós, tias, professoras... Todo um esquadrão feminino se coloca em vigília da ordem em prol do *bem* da menina (BEAUVOIR, 1967, p. 23):

E até uma mãe generosa que deseja sinceramente o bem da criança pensará em geral que é mais prudente fazer dela uma “mulher de verdade”, porquanto assim é que a sociedade a acolherá mais facilmente. Dão-lhe por amigas outras meninas, entregam-na a professoras, ela vive entre matronas como no tempo do gineceu, escolhem para ela livros e jogos que a iniciem em seu destino, insuflam-lhe tesouros de sabedoria feminina, propõem-lhe virtudes femininas, ensinam-lhe a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa ao mesmo tempo que da *toilette*, da arte de seduzir, do pudor; vestem-na com roupas incômodas e preciosas de que precisa tratar, penteiam-na de maneira complicada, impõem-lhe regras de comportamento. (...) Para ser graciosa, ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proibem-lhe os exercícios violentos, brigas: em suma, incitam-na a tornar-se, como as mais velhas, uma serva e um ídolo. Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-las a estudar, a praticar esporte; mas perdoam-lhe mais do que ao menino o fato de malograr; tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja *também* uma mulher, que não *perca* sua feminilidade.

Ao lado da arrumação da casa, dos agrados para com o marido e do cuidado com os filhos, a vaidade passa também a ser uma atividade destinada a ocupar o dia da mulher. Alienar a mulher a sua própria pessoa. O artesanato ocupou função semelhante na educação feminina desde o Brasil colonial (ALGRANTI e NOVAIS *In* SOUZA, 1997, p. 122):

O trabalho manual, por outro lado, sempre foi recomendado às mulheres pelos moralistas e por todos aqueles que se preocuparam com a educação feminina na época moderna como forma de evitar a ociosidade e conseqüentemente os maus pensamentos e ações. Ocupadas com o bastidor e a agulha, esperava-se que se mantivessem entretidas, não havendo ocasião para agirem contra a honra da família.

Mesmo a teoria feminista não ataca radicalmente a ideia de feminilidade. Coloca-a como uma opção possível de ser aderida ou não pela mulher, como queira. A feminilidade como um fim, tal qual apregoa as colunas dos antigos almanaques femininos, essa sim é rechaçada a partir do momento que coisifica a mulher, afastando-a de uma existência autônoma e alienando-a a sua própria figura para ocupar-lhe o tempo impossível de ser canalizado para algo exterior ao lar.

“Cuidar de sua beleza, arranjar-se é uma espécie de trabalho que lhe permite apropriar-se de sua pessoa como se apropria do lar pelo seu trabalho caseiro; seu eu parece-lhe, então, escolhido e recriado por si mesma. Os costumes incitam-na a alienar-se assim em sua imagem” (BEAUVOIR, 1967, p. 296). Para a autora, a coquete não se alienou somente nas coisas, mas ela se quis coisa.

Apresentar-se sempre bem é um dever tal qual a *arte de receber bem* (BEAUVOIR, 1967, p. 148):

O grande mal-entendido em que se assenta esse sistema de interpretação está em que se admite que é natural para o ser humano feminino fazer de si uma mulher feminina: não basta ser uma heterossexual nem mesmo uma mãe, para realizar esse

ideal; a “verdadeira mulher” é um produto artificial que a civilização fabrica (...) seus pretensos “instintos” de coquetismo, de docilidade são-lhe insuflados, como ao homem o orgulho fálico.

O matrimônio também faz parte do leque das noções naturalizadas pela sociedade. Para legitimar a dominação masculina, faz-se necessária que a mulher traga em seu dedo uma aliança. Com o casamento o homem sente que tem em sua mulher a sua vassala. Ela toma-lhe o nome, legitimando tal condição. Assim, a mulher só existe para a sociedade por intermédio do esposo. Ele espera que ela assegure o ritmo igual do cotidiano com sua permanência como mantenedora do lar. Por isso as celibatárias são vistas com desprezo por optarem viver sozinhas.

Se nas décadas de 50 e 60, período em que as colunas clariceanas foram escritas, a condição feminina trazia como correlato o matrimônio, este por sua vez trazia como correlato a maternidade. No lar o homem detinha a capacidade de resumir à mulher a coletividade humana a esfera da vida privada com seus poucos habitantes. Com a maternidade, o filho passaria a significar toda a perspectiva de futuro dessa mesma mulher.

De horizontes limitados pelas amarras sócio-culturais, o lar passa a ser então o restrito universo por onde a mulher pode movimentar-se. “O lar torna-se o centro do mundo e até sua única verdade” (BEAUVOIR, 1967, p. 196). É como se somente através da administração do que Clarice chamou de engenharia do lar, a mulher encontrasse sua justificação social.

Paradoxo entre nomes e pseudônimos

Apesar da ficção conferir ao escritor a liberdade de criação, no jornalismo opinativo – da qual faz parte a coluna – é o ponto de vista de quem escreve que se faz presente (MELO, 1980). Como a jornalista utilizou-se de pseudônimos para assinar as colunas, não se pode colocar que os conselhos veiculados nas colunas reflitam a opinião pessoal de Clarice.

Desta forma, não se coloca aqui a faceta escritora de Clarice Lispector como um modelo com o qual Clarice Lispector colunista possa ser comparada, posto que, a jornalista foi uma das primeiras repórteres brasileiras ao inserir-se em um ambiente predominantemente masculino e sua ficção assumiu diversos aspectos de vanguarda.

É somente dissociando a mulher Clarice Lispector e a colunista que assumiu tão diversos pseudônimos, que se torna possível analisar as colunas. Não deixa de ser curioso, entretanto, que uma escritora vista em sua vida pessoal como uma mulher independente que após a separação assumiu para si a tarefa de criar e sustentar os filhos, trabalhando fora e conciliando diversos empregos, tenha redigido colunas que repetiam o padrão patriarcal da época.

Ainda que os aspectos particulares de Clarice não possam ser tomados aqui como comparativos, a escrita clariceana guarda algumas aproximações com o imaginário feminino. Em sua obra Clarice retratou os limites convencionados para a existência feminina. A epifania da ficção clariceana – momento em que a aparente banalidade do dia-a-dia é quebrada por um acontecimento simples que, no entanto altera toda a perspectiva da história e a percepção dos personagens frente à própria vida – é uma espécie de refúgio da condição feminina (BEAUVOIR, 1967, p. 386):

Os momentos que as mulheres consideram como revelação são aqueles em que descobrem seu acordo com uma realidade repousando em paz sobre si mesma: são os momentos de luminosa felicidade que V. Woolf – em *Mrs. Dalloway*, em *Passeio*

ao Farol – que K. Mansfield, em toda a sua obra, concedem a suas heroínas como uma recompensa suprema. A alegria, que é um movimento, um impulso de liberdade, está reservada ao homem; o que a mulher conhece é uma impressão de sorridente plenitude. Compreende-se que a simples ataraxia possa assumir a seus olhos um grande valor, porquanto ela vive normalmente na tensão da recusa, da recriminação, da reivindicação; e não se pode censurá-la por apreciar uma bela tarde ou a doçura de uma noite. Mas é uma ilusão buscar nisso a definição verdadeira da alma recôndita do mundo. O Bem *não é*; o mundo não é harmonia e nenhum indivíduo tem nele um lugar necessário.

Na epifania clariceana evidencia-se o horizonte limitado da mulher, destinada a considerar como felicidade as minuciosas alterações no cotidiano a revelar-lhes seu destino feminino. Os rituais de beleza ensinados nas chamadas “aulinhas de sedução”, “cursinho para cabelos” e “cursinho sobre perfumes”, também eram uma preocupação das personagens clariceanas. Em suma, a leitora das colunas femininas e as personagens da ficção clariceana não se diferem (NUNES, 2006, p. 275-276):

A mulher que se forma nas páginas femininas de Clarice Lispector, praticamente é a mesma da ficção. É a mulher às voltas com seu entorno, o ambiente doméstico, a que possui inquietações, a que tenta ouvir sua voz (...) É também a que está a procura de sua feminilidade, a que busca se conhecer, a que se encontra na condição de mulher.

Esboçar essa feminilidade não é aqui recriminado. A mulher é livre para fazê-lo ou não, como preferir e deve ter liberdade para fazê-lo. O que se refuta aqui é essa feminilidade utilizada como forma de coisificação da mulher. Seu uso enquanto artifício para aliená-la em sua própria figura e assim mantê-la no lar e afastada no mercado de trabalho, expediente tão encorajado pelas páginas femininas, da qual fazem parte as colunas aqui analisadas.

De acordo com BEAUVOIR (1967, p. 452):

Renunciar a sua feminilidade é renunciar a uma parte de sua humanidade. Os misóginos criticaram muitas vezes as mulheres de ação por “se negligenciarem”; mas também lhes pregaram que se quisessem ser iguais a eles deveriam deixar de pintar-se e de esmaltar as unhas. Este último conselho é absurdo. A ideia de feminilidade impõe-se de fora a toda mulher, precisamente porque se define artificialmente pelos costumes e pelas modas; ela pode evoluir de maneiras que os cânones se aproxime dos que adotam os homens: nas praias, as calças compridas tornaram-se femininas. Isso não modifica em nada o fundo da questão: o indivíduo não liberdade de moldá-la à vontade. A mulher que não se conforma com isso desvaloriza-se sexualmente e, por conseguinte, socialmente, porquanto a sociedade integrou os valores sexuais. Recusando atributos femininos, não se adquirem atributos viris.

Clarice Lispector foi uma escritora de grande prestígio tanto no Brasil quanto no exterior e que ousou em diversos aspectos na literatura, como a concepção temporal de quebra da linearidade do discurso, dando lugar ao fluxo de consciência - em que os acontecimentos são narrados à medida que eles afloram na consciência do personagem - e a intensa introspecção que possibilitou um individualismo dos mais densos e uma sondagem raramente vista do eu dos personagens.

Diante de uma mulher que se destacou desta forma, é quase irresistível a tentação de observar as colunas escritas sob pseudônimos comparando-as com a Clarice escritora. Tal perspectiva, entretanto ao fazer da vida pessoal de Clarice um modelo, consequentemente

falsearia a jornalista das colunas. Desta forma, procurou-se aqui dissociar essas duas figuras, abordando, porém ao final e a título de curiosidade um paralelo entre a escrita clariceana ficcional e a jornalística.

O primordial aqui foi mostrar como durante as décadas de 50 e 60 a imprensa já se utilizava da força e da influência dos meios de comunicação para modelar comportamentos ao oferecer modelos de sujeitos femininos considerados desejáveis.

Essa mesma mídia alcançou êxito ao utilizar um expediente nítido nas colunas aqui transcritas: atingir a identificação das leitoras enaltecendo as condutas consideradas favoráveis a uma suposta natureza feminina em detrimento de ações consideradas inadequadas para aquelas que gostariam de estar enquadradas na posição de mulher ideal.

A eficácia da ferramenta midiática - que no caso das colunas utilizou-se da autoridade de formadora de opinião da jornalista – só obteve o êxito desejado porque já refletia uma visão naturalizada na sociedade desde os primórdios.

As colunas aqui analisadas engrossam o coro da imprensa feminina que serviu francamente aos propósitos de manter a mulher circunscrita ao lar e alarmá-las para com as transformações sociais de emancipação feminina que não tardariam a acontecer com mais força.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan; NOVAIS, Fernando A. Famílias e vida doméstica. *In* SOUZA, Laura de Mello (org) **História da Vida privada no Brasil** – Vol 1: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: 1. Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

_____. **O Segundo Sexo: 2. A Experiência Vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro:

BRAVO Revista. ed. 147 - São Paulo: Editora Abril, Nov/2009.

FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **Correio Feminino**. Aparecida Maria Nunes (org.) – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. **Só para Mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

_____. **Outros Escritos**. Lícia Manzo e Teresa Montero (orgs.) – Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

NUNES, Aparecida Maria. **Clarice Lispector Jornalista – Páginas Femininas & Outras Páginas**. São Paulo: SENAC, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade – Uma teoria social Da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.